

BÍBLIA E MATERIALIDADE: O “Novo Testamento Interlinear” da Sociedade Bíblica como Projeto Editorial

Anderson de Oliveira Lima¹

Resumo: Vamos dedicar este artigo ao exame do “Novo Testamento Interlinear”, publicação da Sociedade Bíblica do Brasil, que traz o texto do Novo Testamento em língua grega e uma tradução bastante literal para o português. Nosso estudo parte da ideia de “Sistema Literário” desenvolvido por Antonio Candido, e procura estudar a obra a partir de sua materialidade, de seu conteúdo, de seu leitor implícito, e considera também o papel dos editores como mediadores da leitura.

Palavras-Chave: Sistema Literário; Teoria Literária; Materialidade; Bíblia; Exegese Bíblica.

Introdução

Na introdução de *Formação da Literatura Brasileira*, publicada originalmente em 1959, Antonio Candido lidou com o problema de definir um ponto de partida para sua pesquisa sobre a literatura nacional, e adota com seu “sistema literário” um modo particular de definir literatura. Ele parte em busca de elementos de natureza social que fazem da obra literária um aspecto orgânico da civilização, e distingue três desses elementos:

[...] a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. (CANDIDO, 2009, p. 25)

Em suma, Antonio Candido nos propõe que a obra literária deve ser considerada a partir dessas três instâncias de interação: autor, obra e público. Quando Candido aplicou esse

¹ O autor é doutorando em letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutorando e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Bíblia (Lato Sensu) também pela Universidade Metodista, e bacharel em música erudita pela Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: aol10@ibest.com.br. Este trabalho foi financiado pelo CNPq.

conceito de “sistema literário” para apontar um início para a história da literatura brasileira, encontrou os fundadores da literatura nacional entre aqueles cuja obra alcançou ampla aceitação, a ponto de perpetuar a autores e leitores de outras gerações seus estilos, temas, formas ou preocupações (2009, p. 26-27). Em termos práticos, Candido afirma que o crítico literário deve referir-se simultaneamente às três ordens da realidade segundo seu sistema literário (2009, p. 35), sugestão que hoje nos parece muito sensata.

Mais recentemente, num artigo de 2005, Marisa Lajolo discutiu essa ideia de “sistema literário” lendo a obra já citada de Antonio Candido e outras, e identificou um acréscimo ou atualização que nos parece determinante. A autora sugeriu que desde Antonio Candido se tornava cada vez mais imprescindível considerar o papel desempenhado por diferentes “instituições” que geralmente atuam mediando o contato dos autores e dos públicos com as obras em si. Tomando as editoras e suas associações como exemplo dessas instituições, logo estamos cientes de que são elas, e não os autores ou as virtudes de suas produções, que fazem as obras circularem na sociedade; nos dias atuais essas instituições mediadoras tornam-se cada vez mais determinantes para a eleição de alguma obra àquela estante canônica que fornece à obra o status de literatura. Nas palavras de Marisa Lajolo:

À medida que passa o tempo, parece que as mediações entre o artista e o público, bem como as mediações entre o artista e a obra, tornam-se mais e mais numerosas e não poucas vezes invisibilizadas. Elas se alteram, por exemplo, na passagem da literatura oral para a escrita e, depois, na passagem dos textos escritos para os impressos, e, mais recentemente, na passagem dos textos impressos para os eletrônicos (LAJOLO, 2005, p. 83)

O papel cada vez mais decisivo das instituições mediadoras ligadas ao mercado, sem nenhuma dúvida, implica em nova complexidade à ideia de sistema literário, o que nos força a reformular o conceito a cada novo objeto de estudo para dar conta dessa importante (quarta) instância do sistema.

Partindo dessa ideia de “sistema literário”, passamos a aplicar tal modelo às considerações relativas à literatura bíblica, e abre-se um grande campo de pesquisa que é cheio de especificidades. Nas próximas linhas, o objetivo é falar da Bíblia a partir dessa ideia de “sistema literário”, mas vários recortes nesse objeto são necessários. Primeiro, convém dizer que vamos lidar com a materialidade da Bíblia e com as mediações da leitura nos dias de hoje,

e não tanto com seu conteúdo. Poderíamos dizer isso com outras palavras, anunciando considerações principalmente sobre o “plano de expressão” (Fontanille, 2011, p. 42-44) da Bíblia no Brasil das primeiras décadas do século XXI, não nos ocupando tanto com o discurso bíblico, mas com o projeto editorial e com seus paratextos. Mas falar da materialidade e circulação do texto bíblico contemporâneo continua sendo tarefa demasiadamente grande, pelo que selecionamos algo bem mais específico: nossas considerações se darão sobre o *Novo Testamento Interlinear: Grego-Portugues*, publicação da Sociedade Bíblica do Brasil, em sua edição de 2004.

Dentre as muitas publicações de Bíblias, essa é uma muito particular, destinada a um público leitor bem específico, e com várias características peculiares que segundo nosso ponto de vista, merecem especial atenção. Enfim, nosso breve trabalho vai analisar esta edição do texto bíblico fazendo considerações sobre ela como projeto editorial, como obra literária, como instrumento de estudo, como documento religioso.

O Projeto Editorial e seu Público

Começamos já com um problema particular à literatura bíblica, que é a questão autoral. Os livros bíblicos dificilmente apontam algum “autor”, e mesmo quando o fazem, este tipo de referência é pouco confiável, posto que era comum a prática do que agora chamamos de “pseudoepigrafia”. Ou seja, os textos eram escritos em nome de alguém reverenciado, um apóstolo de Jesus Cristo, um profeta de renome ou alguém assim. Isso obviamente provoca árdios debates entre estudiosos, e alguns procuram ignorar as referências explícitas a autores para construir por meio de análises complexas o “autor implícito” desses livros. Em nosso estudo do *Novo Testamento Interlinear* (NTI), vamos ignorar esse problema e pensar na Bíblia e em sua materialidade, texto de domínio público que adquire diferentes formatos em múltiplos projetos editoriais, dentre os quais, a grande maioria ainda a publica como “Palavra de Deus”, isto é, como literatura para uso religioso. Nesse sentido é imprescindível levar em conta a editora envolvida no projeto que ora nos ocupa, que é a Sociedade Bíblica do Brasil, casa publicadora especializada no texto bíblico e que hoje é a grande responsável pela

distribuição de Bíblias nos círculos evangélicos. Nas primeiras páginas do NTI, encontramos uma “Declaração de Propósitos da SBB” que deixa explícito o caráter religioso da instituição:

As Sociedades Bíblicas nacionais se unem em uma fraternidade mundial com o nome de Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), para consulta, apoio mútuo e ação, em sua tarefa comum de conseguir A distribuição eficaz e significativa mais ampla possível das Escrituras Sagradas e de ajudar as pessoas a interagir com a Palavra de Deus. As Sociedades Bíblicas procuram realizar a sua tarefa em associação e cooperação com todas as igrejas cristãs, como também com as organizações paraeclesiais.

Como já foi possível notar, nosso objeto de estudo não traz todos os livros bíblicos, mas 27 textos escritos após a morte de Jesus Cristo que a igreja cristã elegeu (ou canonizou) e chamou de Novo Testamento. A razão para a edição escolher publicar esses textos e excluir todos os livros do Antigo Testamento é simples: o projeto editorial visa apresentar o texto em sua língua de origem, e todo o Novo Testamento foi escrito em grego (koinê), diferente do que ocorreu com o Antigo Testamento (hebraico e aramaico). O NTI, portanto, traz o texto do Novo Testamento em grego e uma tradução rigorosamente literal para o português, encaixando sob cada expressão grega um equivalente em nossa língua.

Mas por qual motivo alguém se importaria em publicar no Brasil, uma edição do Novo Testamento em língua grega? Wilson Scholz, um dos editores, responde à pergunta no prefácio da obra (p. vii-viii), dizendo:

[...] um Interlinear quer ser um auxílio para a tradução. Quem se utiliza dele está interessado, não tanto na tradução portuguesa, mas no original grego [...] Assim sendo, o uso do Interlinear pressupõe um conhecimento mínimo do grego bíblico. Serve de auxílio a quem já estudou ou está estudando o idioma original do Novo Testamento. Por si só o Interlinear não ensina a língua grega, mas nada impede que seja usado para facilitar essa tarefa.

Essas linhas são importantes porque nos ajudam a entender que tipo de leitor têm-se em mente, e que tipo de utilização da obra se espera. O editor de certa forma tenta dirigir o uso que se fará da obra; a partir de suas palavras entendemos que esse NTI não foi feito para ser lido do mesmo modo que se lê uma Bíblia, ele é um instrumento de estudo, destinado a pessoas que queriam traduzir o Novo Testamento. Notemos que esta não é uma obra para se ler em grego, e sim para auxiliar num projeto de tradução do texto para o português. Assim, podemos dizer que o autor tenta de alguma forma controlar, condicionar o leitor. Embora o

texto já traga a tradução de cada palavra, não devemos nos contentar com essa truncada versão, mas empregá-la em nossos próximos exercícios de tradução.

Mas essa apresentação interna de alguma forma é negada pelo texto que lemos na contracapa do livro, aquele que é lido pelo leitor que na livraria decide se vale ou não a pena adquirir a obra. Ali, temos uma indicação de leitura mais abrangente, onde se diz que o NTI é “um valioso instrumento para o estudo e a meditação pessoal do Novo Testamento no original grego [...] essa obra serve de auxílio na pesquisa do texto original e na preparação de pregações e estudos bíblicos”. Essas palavras parecem posteriores àquelas internas, produto de outro autor, talvez um editor que tenta assim ampliar o potencial mercadológico da obra destinando-a não somente a exegetas e teólogos, mas também a pregadores cristãos e leitores leigos em busca de “meditação pessoal”. É interessante discutir a possível inconformidade entre essas apresentações, mas para a sequência de nosso trabalho consideraremos ainda aquelas informações internas, que parecem mais condizentes com o conteúdo da obra enquanto que esta última indica intenções mercadológicas.

Voltando ao prefácio, atentemos a essas palavras: “Quem se utiliza dele está interessado, não tanto na tradução portuguesa, mas no original grego”. Indiretamente, o editor cria uma oposição entre o texto grego e as conhecidas traduções dele ao dizer que se busca o “original grego”. Consequentemente, o texto traduzido é um texto “não original”, e supõe-se que o leitor queria reduzir a influência dessa intermediação na sua leitura. Então, quem vai ler o NTI procura ler o texto grego para traduzi-lo, e o resultado desse trabalho é o acesso mais direto ao conteúdo do texto bíblico “original”. Esse leitor-tradutor, todavia, não se empenha num projeto de criar outra versão para ser publicada, divulgada, trata-se de uma atividade pessoal e pontual.

Há uma segunda seção pré-textual intitulada “A Língua Grega do Novo Testamento” (p. ix-xi) que não é atribuída a qualquer autor, e em dado momento essa seção enumera as “Razões Por Que Estudar Grego”. Uma das razões é esta: “Para fazer cada vez melhor a tarefa da exegese e da teologia”. Essa menção à “exegese” é importante, porque nos remete a uma teoria de interpretação bíblica que conta com longa tradição e muitos pressupostos. Aqui, convém apenas mencionar que o conhecimento da língua de origem do texto bíblico era um requisito indispensável para o exegeta adepto do chamado *Método Histórico-Crítico*, o qual

foi desenvolvido principalmente a partir do século XIX e trouxe consigo pressupostos historicistas hoje considerados antiquados (VOLKMANN (et. al.), 1992, p. 26-29). Leituras mais contemporâneas podem simplesmente desconsiderar a importância de se fazer uma tradução do texto bíblico, preferindo, por exemplo, entender como algum leitor ou grupo de leitores recebeu o conteúdo a partir de alguma versão que tinham em mãos. Deveras, o texto grego do Novo Testamento é um texto que em geral desconhecemos, e que pouca influência deve ter exercido diretamente sobre o público cristão. A afirmação feita de que a tradução torna a exegese melhor parece considerar apenas o MHC, que seguindo a historiografia de seu tempo parece acreditar que a boa aplicação metodológica é capaz de desvendar o “fato histórico”, aquilo que realmente aconteceu e que eventualmente deu origem ao texto. A busca pelo evento histórico pré-textual foi uma obsessão no MCH tradicional, e motivou a aplicação de passos da análise como a “crítica das fontes”, a “análise da historicidade do texto”, a “crítica textual”, e a ênfase na biografia e intenções dos autores reais dos textos bíblicos. Seguindo tais pressupostos, era mesmo indispensável ler o texto em seu idioma original para se aproximar das palavras originalmente ditas por Jesus; tanto é, que num manual de exegese histórico-crítica lemos: “[...] a tradução é o primeiro passo a ser realizado na exegese. Ele é necessário pelo simples fato de o Novo Testamento ter sido redigido originalmente em grego” (WEGNER, 1994, p. 28). Ou seja, parece que o NTI quer ser um instrumento importante para a exegese de moldes mais tradicionais, onde quanto mais tardia for a fonte, mais próximo o leitor estará da “verdade histórica”.

Os Recursos para o Leitor

Tendo identificado razoavelmente esse “leitor” ideal, podemos nos perguntar se o NTI é uma obra que atinge seus objetivos. Apenas dois tradutores estiveram envolvidos com o projeto, o já mencionado Wilson Scholz, e Roberto G. Bratcher. Logo nas primeiras páginas eles são apresentados como doutores em teologia, tradutores que há muito prestam serviço à Sociedade Bíblica, e o primeiro é também professor de grego e exegese. Deveras, o projeto foi bem executado, e a primeira boa escolha foi a do texto grego a ser empregado. A Sociedade Bíblica internacional já detinha os direitos do texto grego que é o mais bem aceito hoje. Trata-

se do resultado de um longo processo de crítica textual, de comparação de manuscritos e avaliação de variantes, que é publicado primeiro na Alemanha em duas versões: *The Greek New Testament* que está em sua quarta edição, e *Novum Testamentum Graece* atualmente em sua 27ª edição. O texto grego desses dois projetos é o mesmo, os produtores são os mesmos, mas as duas publicações se diferenciam pelos auxílios que oferecem aos leitores. Segundo a análise de Wilson Paroschi, o primeiro destina-se a tradutores, enquanto que o segundo é mais técnico, destinado a professores e especialista em Novo Testamento que desejam mesmo avaliar o julgamento das variantes textuais (1999, p. 168). Assim sendo, pode-se dizer que ao menos o texto grego escolhido é o mais atual e valorizado de que dispomos. No entanto, nesse momento surgem novos questionamentos:

Como vimos o objetivo do estudioso do grego bíblico é reduzir o impacto da mediação dos tradutores sobre sua leitura, todavia, o suposto “exegeta” parece não levar em conta que ao eleger um texto grego como esse, que é também o resultado de um longo trabalho acadêmico, interpretativo, eventualmente subjetivo, está ainda dependendo do produto de instituições mediadoras. Sabe-se que não há manuscritos originais de qualquer texto bíblico, e que qualquer texto grego do Novo Testamento é na verdade uma colagem de muitos manuscritos. Então, eliminar a influencia de um tradutor não significa que chegamos ao “original”, termo que é empregado algumas vezes no prefácio do NTI. Se são mantidos os alvos positivistas de se buscar o texto mais antigo, mais original, deveria o NTI também incluir o “aparato crítico” do *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland, a fim de que também pudesse o leitor avaliar por conta própria as variantes textuais. Ou seja, além de ser produzido a partir de pressupostos de análise antiquados, o projeto ignora ou omite sua limitação. O NTI é um auxílio para a tradução e para o contato com o texto do Novo Testamento em seu idioma original, desde que o leitor não se importe em adotar o texto grego que foi produzido por aquela instituição de Stuttgart. As mediações da leitura seguem presentes, e no caso do texto bíblico, essas mediações são realmente inevitáveis. Se além ignorar os tradutores, também quiséssemos passar por cima do trabalho dos críticos que reconstroem o texto do Novo Testamento, teríamos que ir direto aos mais de cinco mil manuscritos, a maioria deles fragmentários, e empreender por conta própria o trabalho de crítica textual. Esse empreendimento não é impossível hoje, mas é certamente difícil e provavelmente não nos

conduziria a conclusões muito diferentes das já alcançadas pelos alemães. Mas ainda assim, saberíamos que estamos lidando com copistas, comentaristas, leitores de diferentes épocas e lugares que nos deixaram seus textos também intermediando nosso acesso ao Novo Testamento. Com isso, resta reconhecer que a Bíblia com que lidamos não é e provavelmente nunca será aquela que os autores escreveram, as releituras mais ou menos fieis àquelas origens; e se nosso acesso ao texto é sempre mediado por outros, vale questionar outra vez a validade desse projeto de buscar o texto mais antigo. Por qual motivo o leitor religioso prefere uma versão do século V, fragmentária e escrita num grego arcaico, do que uma versão moderna, criticada, traduzida, revisada...? A resposta é que esse tipo de leitor religioso não acredita na divindade de um texto que tenha passado por tantas mediações humanas, e por isso segue procurando meios de eliminar tais mediações, uma busca inútil, como temos visto, e que jamais teria sucesso já que mesmo os originais mostrar-se-iam repletos de imperfeições inadequadas à crença numa Palavra de Deus inerrante.

Voltando ao texto do NTI, é interessante observar que ele não traz em seu interior apenas o texto grego e tradução literal de cada uma das palavras; há no interior das páginas e em letras menores, outras duas versões do Novo Testamento, versões que também pertencem à Sociedade Bíblica Brasileira. É clara a hierarquização de textos que o arranjo dado produz; o destaque recai sobre o texto grego, depois sobre sua tradução literal; conseqüentemente, essas duas versões mais populares são secundárias, verdadeiros paratextos que ali estão quiçá para oferecer alguma ajuda eventual ao tradutor. Se há um destaque para o texto grego, isso apenas confirma as nossas afirmações anteriores, sobre a natural deslegitimação que o projeto do NTI impõe sobre toda e qualquer tradução do texto bíblico. Mesmo assim, vale a pena fazer algumas considerações sobre essas versões secundárias:

Uma dessas versões parte da tradução de João Ferreira de Almeida, mas numa edição que chamam de “Tradução de Almeida Revista e Atualizada no Brasil” (Almeida RA), publicada pela primeira vez em 1959, e que contou com nova edição em 1993. A segunda versão é a chamada “Nova Tradução na Linguagem de Hoje” (NTLH) de 2000, que é na opinião de muitos, algo mais parecido com uma paráfrase contemporânea do texto bíblico do que uma tradução. Como se pode ler no prefácio do NTI (p. vii), considera-se uma “vantagem” o fato de esta publicação trazer quatro textos ao mesmo tempo. Sem dúvida, o

processo de comparação de traduções fica assim facilitado, já que não é preciso abrir várias Bíblias, porém, a escolha dessas versões que já pertenciam à mesma casa publicadora, é uma limitação. Isso dizemos porque um tradutor do Novo Testamento dificilmente consideraria a leitura da NTLH de algum valia para seu trabalho. Aqui, a boa intenção foi prejudicada por questões mercadológicas e direitos autorais, pois uma equipe de tradutores independente escolheria outras versões bíblicas para este recurso.

O projeto ainda oferece outro auxílio que merece algumas linhas. Nalguns momentos, o leitor encontra notas de rodapé com auxílios gramaticais, raízes de verbos irregulares, e mais ainda para os chamados “participios”, que possuem simultaneamente características de adjetivo e de verbo, e que geralmente impõem os maiores desafios aos estudantes do grego bíblico. Há também casos em que pequenos números colocados ao lado de alguns verbos dirigem o leitor a um anexo que aparece no final do livro com “Análise dos Verbos mais Frequentes”. Esse anexo apresenta uma lista de 15 verbos comuns em todas as formas que eles assumem no texto do Novo Testamento. Como podemos ver, esses auxílios tornam o NTI ainda mais específico, são instrumentos que só dizem respeito a tradutores e estudantes de grego, o que outra afirma que este não é um produto destinado ao leitor comum de qualquer texto bíblico.

Considerações Finais

Nossa análise da materialidade e do conteúdo do NTI nos mostrou que tipo de produto ele pretende ser. Não é um texto para leitura geral, mas para estudiosos; todavia, vimos que há um tipo muito particular de leitor/estudioso que quer ser alcançado, o leitor/estudioso que procura fazer exegese histórico-crítica, e desse trabalho interpretativo fazer “teologia”. A editora e os profissionais envolvidos atuam como mediadores desse trabalho teológico, oferecem os auxílios que consideram mais úteis, e reafirmam indiretamente que o texto grego é mais valioso que o texto traduzido. Todavia, o valor que é dado ao texto grego não é o resultado de uma reflexão sobre a má qualidade das traduções disponíveis ou sobre a necessidade de se aprofundar no texto em seu idioma de origem para alcançar melhor

compreensão, é principalmente uma ação de origem religiosa, baseada em pressupostos historicistas que nos parecem bastante problemáticos.

Outra evidência desse interesse religioso é a inclusão no texto de todos os subtítulos criados por editores que já estavam presentes noutras versões. Esses “paratextos” de alguma forma direcionam a leitura religiosamente, e até contrariam os interesses de um exegeta que quer exatamente livrar-se da intermediação editorial. Há, portanto, certas contradições no NTI como projeto editorial, e indo ainda mais longe, poderíamos até dizer que ele é contraproducente em certo sentido. Essa opinião se pauta na comparação do NTI como livro que exalta o estudo do grego bíblico e o exercício exegetico/teológico, e acaba por diminuir o valor das demais publicações da editora, que agora sabe o leitor, apresentam textos não-originais e não plenamente confiáveis, que são distribuídos aos leigos enquanto ainda não estudaram grego, tarefa que parece de suma importância ao cristão mais empenhado. Dizer que qualquer versão do texto bíblico não é a mais confiável é um problema, já que geralmente a Bíblia é lida como texto normativo e interpretada de maneira literal. Como o leigo saberá se o que lê numa Bíblia em português é “palavra de Deus”? Claro que ele não saberá, mas essa simples constatação poderia alavancar crises a círculos fundamentalistas de leitores. A editora parece não notar o problema, e é provável que os leitores também não notem.

Mas em suma o livro é um belo projeto editorial, uma boa ideia que foi bem executada, com algumas poucas limitações como a escolha das versões brasileiras que ali são incluídas para comparação. Gostaríamos apenas de dizer que outros leitores, além daquele pretendido pelo próprio projeto, podem se beneficiar. Mesmo sem levar em conta o texto grego, a tradução literal e as outras versões podem ser úteis para uma comparação empreendida por um número bem maior de leitores. Nos círculos religiosos, onde o texto é lido e aplicado de maneira normativa, sem dúvida a mera leitura de diferentes versões pode impedir que se estabeleçam “certezas” sobre versões mal traduzidas. Caso o leitor tenha o interesse de estudar o Novo Testamento grego sem aqueles pressupostos historicistas que já criticamos, ele também poderá se aproveitar dos recursos desse título. Enfim, após termos exercido nossa atividade crítica, seguimos considerando a obra um título importante, posto que esse interesse técnico raramente norteia a produção de uma nova edição do texto bíblico. Talvez o leitor se interesse em saber que recentemente saiu no Brasil um primeiro volume do *Antigo Testamento*

Interlinear, também da SBB, e que traz o texto hebraico dos primeiros cinco livros bíblicos (Pentateuco) e sua tradução. Não levamos esse título em consideração pelo simples fato de ainda não termos tido acesso a ele, pelo que aqui apenas indicamos a disponibilidade da obra.

Abstract: *We dedicate this article to examine the "Novo Testamento Interlinear", published by the Sociedade Bíblica do Brasil, which brings the text of the New Testament in Greek and a very literal translation to Portuguese. Our study starts from the idea of "Literary System" developed by Antonio Candido, and seeks to study the work from its materiality, content, implied reader, and also considers the role of editors as mediators of reading.*

Keywords: *Literary System; Literary Theory, Materiality, Bible, Biblical Exegesis.*

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, Marisa. A Leitura em “Formação da Literatura Brasileira” de Antonio Candido. In. **Desenredo (Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo)**, v. 1, n. 1, 2005, p. 75-90.

NESTLE, Eberhard; ALAND, Kurt. **Novum Testamentum Graece**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft (27^a ed.), 1993.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

VOLKMANN, Martin; DOBBERAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. **Método Histórico-Crítico**. São Paulo: CEDI, 1992.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.